

© 2021 Poesia Lusófona

Kotter Editorial

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.601 de 19.02.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, da editora.

coordenação editorial

Sálvio Nienkötter

capa | projeto gráfico

Paula Villa Nova

coeditor

Marcos Pamplona

produção

Cristiane Nienkötter

editor executivo

Raul K. Souza e Francieli Cunico

revisor

Cesar Felipe Pereira

editora-assistente

Daniel Osiecki

organizador

Lucas Augusto da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)

Angélica Llacqua CRB-8/7057

Antologia Poética da Imigração Lusófona / organizado
por Lucas Augusto da Silva, Marcos Pamplona. - Curitiba:
Kotter Editorial, 2021.
300p.

ISBN 978-989-54870-2-8

1. Poesia brasileira 2. Poesia portuguesa 3. Imigração - Poe-
sia I. Silva, Lucas Augusto da II. Marcos Pamplona

CDD B869.1

20-2045

Kotter Editorial
Rua das Cerejeiras, 194
82700-510 | Curitiba/PR
+55 41 3585-5161
www.kotter.com.br
contato@kotter.com.br
1ª edição
2021

Kotter Editorial - Portugal
Rua Miguel Bombarda, 270
10º andar - 2830-289
Barreiro - Portugal
+351 914 896 452
www.kotter.com.br
contato@kotter.com.br
1ª edição
2021

EDUARDO PRADO CARDOSO Nascido em 1987 na cidade brasileira de Campinas, é cineasta de formação, pela Universidade de São Paulo. Sua literatura é fortemente influenciada pela pesquisa histórica, por imagens de violência e pelas muitas cidades que já experimentou. Actualmente, vive em Lisboa.

DORMENTE

Mudo de
Faixa
Desvio na hora

C
O
R

P
O
S criam fendas na sarjeta

Os meio-vivos de outro mundo
Fragmentam-se no meio-fio
Cor e pó da derrota,
Tornam-se assunto por segundos

Devaneio súbito, ópio
Que expele a rotina
Não seria eu o escravo em movimento?

Os dormentes do meio-dia
Estirados na Rua Aurora
Rirão em sonhos letárgicos

Desse falso desperto, filho da puta
Que chuta a Santa Ifigênia da Etiópia,
Padroeira dos filhos da prata

Quando passarem através
De minha cabeça, oca mente
Apenas para tornar fora
O que em mim jamais foi diferente

MOSCOU

O século está para virar quando os ratos entregam a rota
As degolas não se dão no campo, como ensinaram os cheche-
nos,

E por isso moscas agora rateiam as cabeças na calçada
De olhos congelados, os ex-soldados do Primeiro Comando
Já não pensam na Kalashnikov rota
Tampouco sonham, quando jovens tropas trocam peças
Através de falsas metas avançadas

A polícia corrupta pergunta o que sei
Ameaça, mafiosa, encaixotar verdades tortas
Pois que faça a cena, apague as marcas
Se até os civis testemunham o ir e vir pela mata,
E intuem códigos, em uma guerra que é fria e fatalmente nossa,
A vista grossa é acima de tudo deles, que rondam esquinas
Hoje adornadas com mentes vencidas, de faces mortas

Os gambás continuam buscando quem sou
Abjeto resto que o sistema excreta
Comuto pedras, vingo safras do exterior
Sou o rato que entrega as cabeças pretas
Arrancadas e eternamente expostas
Na rua da favela Moscou

DELFO 1980

A E. M. de Melo e Castro

Fecho os olhos e leio as previsões do poeta oitentista cibernético

Máquina do tempo, jamais obsoleta, letras em negrito, massa cinzenta

Há futuro nos cálculos de seu oráculo délfico:

O 10101... de preto no branco, datas ungidas, mais UM dia bélico

Dígitos que secundam a História afeita a sangue, nem errada, nem isenta

O mágico pórtico atravessa verdades do já velho século

Ouçõ pedidos de um milagre, não o econômico, mas o político

Dados só confundem quando quadriênios fakes fodem o estético

Espaços físicos morrem, a virtualidade não alenta

Às portas de 2020, temo o que temos

Algarismos repetidos, investidas em erros pornográficos, o estático tecnológico

Subdesenvolvido por mentes mínimas

Não há fonte nas cavernas feitas por robôs - a sede aumenta

É possível voltar, cara técnica? Romper a barreira do tempo,
desafiar a lógica?

Atire-me nos 80, década perdida nos gráficos, consumida nos
trópicos

Autorize a minha cegueira, que só entende

A fortuna do passado que o poeta inventa

SALADA MIXTA

Pelas ondas da Rádio Berlim, Ondina ri
Hertz dissemina timbres, enquanto dínamos
Obram a burla teuta à brasileira
Transpõem abril de 44 com vozes grossas,
E a crença de que a guerra tira um dia,
Mas não a força de uma raça

A atração, "Salada Mixta" às antigas,
Cruza virado à paulista com wurstsalat
Palato rico na troça alheia,
Num teste frio de olhar para trás
Sem brio ou reverência
Opera um Brasil apátrida,
Cuja prole mais nefasta abraça o Reich
E canta hinos em estado de graça

O programa-propaganda cruza o oceano
Com Goebbels travestido de Miranda
Ostenta marcas ricas como em qualquer ano
E não há marcos pagos além da medida
À autêntica ufanista,
Humorista alemã genuína,
Embora nascida em terra brejeira
Que a ninguém ameaça

Anedotas sobre títeres,
"Pobres futebolistas vassalos de Roosevelt",
Precedem modinhas distantes dos fronts
Reprise de sábado, quase sete
A cronista fugida dos trópicos dubla o cabaret
O triunfo da vontade se avista,
Talha os rostos da solução final
A massa parideira de holocaustos
Torce o nariz para tintas de tragédia
Tem fome é de "Salada Mixta"
Ouve, surda e opulenta,
Destinos que viram fumaça

GRAÇA

Na travessa mais movimentada
Curvas em minha cabeça
O padeiro distribui versos de graça
E o cheiro da massa na madrugada
Condensa o mundo num só grito
Tenho fome do muro de Florbela
Que bebe eterna o Infinito

Os passos longos brotam da calçada
Tantas vezes tropeça meu espírito
Do alto dos morros da Graça
Fito pontos, engulo a escada
Peço ajuda à espessa luz amarela
Guias antigos, entidades sem pressa
Azeitam os trilhos, renovam o rito

Tomo a herança, aprecio toda peça
Guardo apreço pela breve estada,
Noites altas e em estado de graça
Saciam partida ou chegada
E quase um século se passa
Sem que os poemas cessem a vela
Do meu lugar favorito

BREU/BROCKWELL

A Lee McLaughlin

O ENCONTRO

No dezembro dos poetas párias
Edimburgo à beira do breu, o Brexit
Os ratos depredam os armários do hotel
Onde McLaughlin relembra os sapatos
Que abrigou sob grandes pedras negras
Segredos da noite fria, trova imaginária

O REENCONTRO

Não é mais abril em Londres, a periferia
Hambúrgueres já foram desembrulhados
Ao lado de PCs que engendraram sua poesia
Onde? McDonald's, wi-fi franqueado
Agora, na grama verde do Parque Brockwell,
Os sapatos do ébrio pisam mole, o orvalho irradia